

A FOOZ DO RIO MORTO

I.103 AD - RYANON DESCOBRE A VILA



João Eugênio "Althar" Brasil

**Clique nos Logos abaixo para conhecer
o projeto da Foz do Rio Morto,
Legião e o Old Dragon.**



Foz do Rio Morto

10 DIAS DE CILINHADA A LESTE DA VILA URSO.

1.103 AP

BAÍA TOLGARI

4

Torre de
Vigilância

Moinho

RIO MORTO

INVERNO

A chegada na vila com a terrível notícia sobre o fim da criança envenenada não foi nada comparado com que encontramos por lá. O estado de comoção da família, o choque para os moradores, a noção de impotência de todos causou marcas enormes em cada um dos moradores. Marcas muito maiores do que poderíamos imaginar.

A família do fazendeiro estava despedaçada e o enterro demonstrou que dificilmente eles se recuperariam algum dia. É estranho ver como a morte pode afetar as pessoas. Como alguns de nós são pessoas ligadas às aventuras e às surpresas da sorte e do azar de estar pelo mundo, quase nos esquecemos o quanto a morte pode ter este caráter traumático. Não diria que isso é uma frieza nossa, mas quase

não percebemos o quanto nossa comunidade, em grande parte formada por pessoas de vida simples, foi afetada.

Antes do enterro alguns daqueles que conheciam um pouco da ciência das matas olharam o pobre infeliz para tentar descobrir o que realmente acontecera. Não chegaram à grandes conclusões, mas puderem perceber que algum tipo de ser se desenvolveu nas entranhas do menino e quando ficou ‘maduro’ eclodiu matando-o. Mas esta constatação nos trouxe uma perturbadora pergunta – para onde teria ido o ser que cresceu no menino?

Esta terra realmente tem suas belezas, mas não deixa de ter seus mistérios e perigos. Alguns pergaminhos foram escrito e desenhados e ninguém sai mais para mata completamente desconhecedor deste perigo. Os manipuladores de ervas ainda procuram os malditos cogumelos em cada canto.

Quando achávamos que teríamos alguns momentos de paz mais um fato mexeu com os humores de nossa comunidade. Sem mais nem menos alguns goblins foram vistos perambulando próximo da Vila da Foz, na margem do rio. Embora eles estivessem do outra lado do rio, na margem, foi o suficiente para alardear toda a comunidade.

O resultado foram reuniões e mais reuniões para decidir o que fazer. Não eram poucas as propostas. Tínhamos os partidários do simples extermínios das criaturas que achavam que o melhor seria simplesmente riscá-los do mapa. Mas o debate acabou polarizado entre fortificar nossa vila ou espreitar o inimigo para conhecê-los melhor. Depois de quase uma semana de gritos, discussões e ameaças acabamos por escolher pela opção mais sensata – fortificar a vila, em primeiro lugar, e conhecer nosso inimigo com cuidado, logo em

seguida.

Tão logo a decisão foi tomada os trabalhos já começaram. Todos os braços que não estivessem envolvidos na produção de alimentos foram ajudar na criação dos mais diversos aparatos para nossa proteção. O moinho não parava de trabalhar auxiliando na manufatura de tábuas ou qualquer outra coisa em que ele pudesse ser útil. As batidas dos martelo ecoavam desde o nascer do dia até o último raio de sol. E nem só de construções para a proteção ficaram nossos planos de defesa. O elfo recém chegado, Kael, se prontificou de ensinar as artes da arquearia para quem tivesse a habilidade mínima exigida, isso quando ele mesmo não estivesse na torre da vigia, junto de Marcus, zelando por nós.

Em paralelo à criação de nossas defesas um plano de tentar conhecer a força e localização de nossos inimigos foi tomando forma. Como

já tínhamos um grupo de patrulha mais ou menos organizado tomamos ele por base, mas sempre abertos à todos os interessados. Volgar, outro viajante que recentemente se junta à nossa comunidade estava bem entusiasmado e foi uma ótima aquisição. Alissaras ganhou um companheiro dos mares, Sartorato, e produzem juntos uma embarcação improvisada para nossas travessia e quem sabe uma jornada mais longa. Os mapas estudados por mim, Kirsh e Ruby, com o auxílio do conhecimento do fazendeiro e do cartógrafo Sartori, nos possibilitaram um ponto de partida para nosso plano.

Temos apenas que dar tempo ao tempo e tão logo todos se sintam realmente seguros com as arrumações, começaremos nossa investida rumo leste:

PRIMAVERA

Os acontecimentos de poucas horas carregaram uma grande carga de emoção e experiência para mim nesses últimos dias. Ainda tento entender a profundidade dos debates enquanto fumo meu cachimbo na preparação da empreitada pela floresta à procura da comunidade dos goblins.

Após a decisão de fortificar a vila, ao invés de uma ação mais ofensiva contra as criaturinhas verdes, começamos a conversar sobre o que iríamos construir agora ao mesmo tempo que íamos tentando montar uma milícia razoável, pelo menos. Kael e Ruby permaneciam treinando arqueiros enquanto Elutarck dava dicas de uso da espada e posicionamento em combate.

Como nosso número tem aumentado significativamente, vemos a necessidade de novas estruturas em nossa comunidade, mas o que era uma simples reunião passou para um acalorado debate quase levando às vias de fato por mais de uma vez. Eu particularmente acho que isso se deu muito pelo fato dos goblins terem sido avistados novamente perto da vila.

Para que você que está lendo estas simples palavras entenda... Temos muitas necessidades, pois somos uma comunidade nova, mas a conversa inicial acabou ficando polarizada entre a construção de um muro, ou algo parecido, e a construção de uma ferraria. A nova aparição dos goblins acabou por instigar o receio em muitos moradores que acabaram por engrossar o coro daqueles que sustentavam a construção de um muro. Mas quem tinha razão?

A construção do muro teve no arcano e agente funerário Anuir Aslavat seu mais arraigado defensor, sendo seguido por pelo menos dois terços dos moradores. Enquanto isso a ferraria contava com Eclison Tolentino como seu grande defensor e eu o apoiaava inteiramente.

Para Aslavat, com apoio de Nuhuine e Tykos entre muitos outros, as vantagens da construção do muro estavam basicamente na proteção que ela nos daria e na sua suposta facilidade em ser erguido. Para ele, um muro poderia ser mantido seguro com poucos vigias dando aos que estão dentro uma clara noção de segurança para continuarem sua vida e afazeres. A matéria-prima para sua construção também é abundante na região – madeira – o que tornava a opção ainda mais coerente ao seu ver.

De outro lado Tolentino, o garimpeiro, ferrenhamente se agarrava à opção da construção da ferraria. Seus argumentos estavam centrados no grande e imediato benefício que ela poderia nos proporcionar, além de servir de base para muitas atividades. Armas, ferramentas, utensílio e mesmo coisas necessárias para a construção do muro. Embora fosse preciso uma grande carga de matéria-prima – minério – isso poderia ser improvisado em um primeiro momento usando peças de metal que tivéssemos na própria vila. Eu acabei me intrometendo, pois sempre considerei que um muro demoraria muito tempo para ser erguido e não dispúnhamos, se tudo isso fosse por uma questão de proteção, de tempo para perder com isso. Além de que o inverno estava batendo em nossa porta e precisávamos de braços para estocar alimento e não para erguer um muro. Do que adianta estarmos pro-

tegidos e morrermos de fome.

E por aí foi o debate. Confesso que por mais de uma vez imaginei que eu e Aslavat iríamos usar os argumentos dos punhos e a coerência da violência, mas nos contemos. Ao final o debate se restringiu à qual matéria-prima estava mais ao nosso alcance e qual a estrutura que nos traria resultados mais imediatos. A escolha da vila foi pela muralha e para vivermos em um mínimo de civilidade temos a obrigação de acatar a escolha desta maioria.

Mas todo este debate começou a sair do normal e a resultar em coisas que eu não imaginava que haveriam por aqui. A conversa saiu das quatro paredes de onde acontecia a reunião e tomou os espaços abertos da vila. Alguns defensores deste ou daquele lado, ainda insatisfeitos com o resultado ou tentando manter sua opinião, mantiveram os debates na rua em verdadeiros discursos em praça

aberta. Conversas ao pé do ouvido aqui e escaramuças ali e um verdadeiro racha na vila, como se fossem verdadeiros partidos, começou a se vislumbrar. Eu mesmo vim para cá à procura de outro tipo de vida e não essas picuinhas de cidade grande.

Com a decisão tomada um grande movimento começou para iniciar a construção do nosso muro. Árvores foram selecionadas, ferramentas escolhidas e o trabalho foi organizado. Ainda não cortamos a primeira árvore, mas pelo menos temos tudo em um plano elaborado por Elutarck com grupos específicos e com trabalhos determinados. A construção em si aproveitará a base do fosse com estacas, que já estava feito, e construirá o novo muro usando-o como base. Será realmente, se conseguirmos fazê-lo, uma proteção e tanto.

De minha parte comecei os preparativos finais para a entrada na floresta com um grupo de confiança e habilidade para encontrar a origem dos goblins e ter uma melhor noção do tamanho do perigo que corriam. Ruby já espalhara armadilhas por lugares estratégicos por todo o redor da vila e já tinha mais algumas prontas para levar. Taybor Kartsh está com sede de sangue em seus olhos e isso é um bom estímulo, se bem controlado. Além desses três amigos de confiança estou fazendo novos com o grupo que se avoluma e tão logo tenhamos um grupo coeso sairemos em nossa missão.

Mas uma coisa curiosa chamou a atenção e quebrou um pouco a tensão. Um dia após os ânimos alterados pelo debate vimos o filho menor do fazendeiro correndo para lá e para cá. Era uma visão animadora, pois ele esteve muito abatido desde a morte do irmão. Ele

corria de forma compenetrada com alguns pergaminhos e um lápis parando em cada membro da nossa comunidade que ele encontrava. Ele pegava nome e profissão de todos para nosso primeiro senso. Sua mãe me disse que era um ótimo exercício para melhorar a escrita que ela mesma lhe ensinava, além de lhe dar algo divertido para fazer. Isso será de muita ajuda, pois como já estamos nos aproximando das quatro centenas de moradores, começamos a perder a noção do que temos em nossa vila.

Outra grande novidade surgiu para quebrar definitivamente a tensão. Com a proximidade do inverno e com humores no limite o fazendeiro veio com uma boa notícia, sugestão de nosso caríssimo Toyoda. Teremos nosso primeiro Festival da Colheita. Teremos muita comida e diversão à vontade. Os quatro cervejeiros que estão morando aqui também

celebraram e uniram forças para preparar a melhor leva de bebidas alcoólicas que puderem. Nuhuine alardeia aos quatro ventos que todos experimentarão as melhores conservas de suas vidas enquanto Ella, com suas ideias de atrações artísticas como concursos de dança e canto, parece uma menina. Outro muito entusiasmado é Alex Fleet que considerou uma ótima oportunidade de apresentar suas moças, se é que podemos dizer isso delas.

Acertando ou errando em nossas decisões acho que é o melhor que podemos fazer pela nossa vila e estarmos ativos em tantas frentes – o muro, nossa próxima empreitada e o festival – nos manterá ativos e unidos. ♦

VERÃO

A tão adiada expedição começou. Depois muitos atrasos conseguimos nos organizar e sair na jornada à caça dos goblins. O nosso grupo não poderia ser mais exótico. Tínhamos de rangers à ferreiros, de mineradores à lenhadores, de mercenários à comerciantes. Mas não podemos reclamar, pois esses é que estavam dispostos a embarcar nessa aventura. Mas para mim estava ótimo. Tínhamos pessoas das mais diferentes profissões e essa variedade poderia muito bem salvar o grupo em determinadas situações.

Depois de atravessarmos o rio, que foi um pouco mais problemático que o normal devido à carroça que Kyrillos insistiu em levar junto, começamos a jornada rumo leste. Estábamos longe de ser um grupo silencioso. Muitos ali

não estavam acostumados com este tipo de empreitada e as conversas em volume acima do normal, além das batidas da carroça, podiam ser escutadas à léguas de distância ou acordar. Mas acabamos nos acostumando, e isso foi péssimo para nossa segurança.

Tivemos o cuidado de mapear todo o lugar por onde passamos da melhor forma possível. Elutarck e Martelo Rubro fizeram interessantes descobertas sobre minérios e pegaram muitas amostras. Dantas e Nuhuime arrecadavam cada nova planta que achavam e enfiavam em suas bolsas, além de debaterem muito sobre as espécies de árvores que haviam pelo caminho. Leo Lima e Kyrillo acomodavam todas as amostras e mapas na carroça - pelo menos para isso ela servia. Enquanto isso o resto de nós, mais afeitos às lidas do rastreio, vasculhávamos os arredores procurando sinais dos goblins ou outros perigos. Por toda a

região, desde bem próximo da vila, encontramos sinais nas árvores que deveriam repor tar à clãs ou famílias. Segundo nosso arcano, Nuhuime, eram runas primitivas semelhantes às que encontramos próximas da área dos bárbaros. Outra vantagem de termos tantos rangers e caçadores em nosso grupo foi a de não termos problemas para comer. A carne foi farta.

Foram dias tranqüilos esses primeiros. Mas só os primeiros.

Numa tarde, quando estávamos fechando quase uma semana de jornada, fomos surpreendidos por uma criatura no mínimo bizarra. Tudo foi tão rápido que nem notamos os animais menores fugindo de um gigantesco besouro. Ele irrompeu por entre a vegetação partindo muitos galhos. Estábamos tão surpresos, pela velocidade e pelo aspecto do animal, que nossa reação demorou em acontecer e isso quase foi fatal.

Em um movimento certeiro o enorme animal pegou Martelo Rubro pela cintura e o elevou à mais de dois de altura. Os gritos desesperados dele nos tiraram de nossa apatia. A reação de Elutarch e Macel foi a de tentarem puxar o colega para o chão segurando-o pelas pernas, mas acabaram ambos erguidos também, com Macel caindo logo em seguida. De sua parte Dantas pega seu machado, amigo inseparável, e corre para tentar acertar as patas do animal, mas elas são muito rápidas e o movimento curvo das machadadas rompe o vazio.

Eu confesso que estava perdido. Quando a criatura atacou, eu estava procurando alguns sinais pelo chão. Quando vi nossos amigos erguidos pela mandíbula daquela fera tive como prioridade salvá-los. Gritei para fazerem barulho. Todos sabem que criaturas selvagens tendem a ficar desnorteadas com o barulho e isso teria de servir para nos dar alguma brecha

para uma ação mais incisiva. Ruby, que estava perto de mim, rapidamente puxa algo preso em uma corda, de sua mochila, e lança sobre a criatura para tentar prende-la por um de seus chifres. Enquanto isso os arqueiros, junto da figura do elfo Kael, que surgiu do nada, lançam suas flechas contra o dorso da criatura. Mas tudo parecia não surtir efeito.

Do outro lado Nuhuime estava nitidamente concentrado e, com as mãos espalmadas para cima, recitou algumas palavras – “Nan-nah Nen-€ Ki Obi-Xu Vaipe Gah”. Era um poderoso sortilégio para adormecer a criatura. Quando todos percebem as mãos de nosso arcano com um brilho azulado paramos um momento para ver o resultado e graças aos deuses o tivemos. A criatura começou a diminuir seus movimentos até que parou e deixou nossos amigos caírem ao chão e logo depois ela mesma caiu, todos os três dormindo pesadamente. Rapida-

mente puxamos nossos colegas para longe da criatura enquanto a prendíamos com todas as cordas que tínhamos.

Com tudo calmo começamos a ponderar o que fazer com a criatura. De início a deixamos presa e nos preparamos para armar um acampamento. Ruby e Kael iriam cuidar das defesas nos primeiros turnos enquanto arrumávamos o que comer e onde dormir. Nuhuime estava extasiado com a criatura. Ele nunca havia visto nenhuma daquele tipo e não parava de fazer anotações em sua pequena caderneta. Ele foi um dos que defendeu não a matarmos, proposta que foi aceita pela maioria do grupo.

Tão logo a noite foi chegando e tínhamos um verdadeiro acampamento arranjado, com direito à fogueira, boa comida, barracas e um enorme besouro amarrado. Tudo normal para nós. Enquanto comíamos fomos discutindo o que fazer com a criatura. Alguns desejavam a

levar para a vila, o que para mim era um absurdo tão grande quanto aqueles que a queriam levar junto. Depois Nihas sugeriu mandar seu falcão para a cidade com uma mensagem para que o domador viesse até nós, o que era mais absurdo ainda, pois teríamos de esperar aqui por dias. Depois de uma carroça eu realmente iria matar um se tivesse que esperar o domador para pegar seu novo bichinho de estimação.

Acabamos não decidindo nada, nem sobre a criatura, nem sobre nossas defesas. Todas as decisões ficaram para amanhã. Com a mente descansada espero que eles pensem com mais clareza no que fazer. ♦

OUTONO

A manhã do dia seguinte começa com todos se aprontando para retornar à cidade e levar nosso enorme hóspede. Ele parecia muito mais dócil pela manhã. Não sei se fico feliz ou preocupado com isso. Mas isso não fosse estranho o suficiente, fomos novamente cercados. Realmente eu duvido, algumas vezes, de nossa capacidade de nos mantermos alerta em meio à floresta. Mas o que importa é que fomos cercados novamente.

Não eram bárbaros e nem goblis. Fomos cercados por um grupamento muito bem armado e organizado com túnicas acinzentadas. Foram fáceis de serem reconhecidos como sendo do império Hecato. Eles são hábeis em ações furtivas e bons estrategistas. Quase tão rápido quanto apareceram já tinham neutralizado nossa águia e haviam flechas apontadas para

o lobo do domador.

A aparição da guarnição hecate deixou todos tensos. Tentamos inicialmente contar que estávamos de passagem atrás de goblins quando nós nos encontramos com o enorme besouro, mas eles não pareciam interessados. Só o que os interessava era saber a localização de nossa vila.

Enquanto Nuhuine conversava com o capitão hecate, contando em detalhes o que nos acontecera, na tentativa de o atrasar ou mesmo esconder a verdadeira localização da Vila da Foz, eu, Ky- rillos, Kissou e Martelo Rubro, dividíamos a forte bebida do canil de Taybor, não sei se para nos acalmar ou para dar alguma coragem. Todos estávamos nervosos, inclusive Nahas e o lobo, mas ficamos naquela tensão da espera do inevitável.

Nuhuine tinha a clara certeza de que a segurança da vila era o mais importante e resolveu tomar providências extremas e perigosas – enfeitiçar o

capitão. Não sei o que ele fez, mas funcionou perfeitamente, pois depois de alguns minutos dando ordens aos seus homens, todo o grupo de hecatos desaparece na floresta, deixando-nos para trás.

Não nego que foi um alívio. Mas este encontro mudava tudo. Tínhamos prioridades agora - contar à vila sobre os hecatos e levar o besouro para lá. E não poderíamos simplesmente ir para lá e correr o risco de sermos seguidos. Aproveitando que Nuhuine estava exausto pela ação mágica sobre o capitão hecate, resolvemos descansar o máximo para termos a chance de nos revigorarmos, além de apagar nossos rastros. Enquanto descansávamos íamos decidindo nossas próximas ações e o único caminho possível era para o sul, o que faremos tão logo despachemos esses bicho na vila.

Todos estamos ansiosos pela volta para nossa casa. São só alguns dias.”♦